

Resenha

A Antiguidade Tardia revisada: uma análise da contenda entre Gregório Nazianzeno e o Imperador Juliano

Semíramis Corri Silva¹

A partir da década de 1950 iniciam-se novas reflexões sobre os últimos séculos que separam o Império Romano da chamada Idade Média. Neste sentido, alguns historiadores optam em redefinir a forma de denominar este contexto, o renomeando como *Antiguidade Tardia*, período cujo arco cronológico varia de autor para autor, mas cuja ideia principal está em uma nova forma de abordagem. Os historiadores que optam pelo uso da denominação de Antiguidade Tardia contrapõem-se ao uso da denominação de Baixo Império, pois afirmam que esta sugere a existência de uma “queda” ou “decadência” na estrutura administrativa, nos valores estéticos, religiosos e morais do Império Romano desta época. Para tais historiadores, esta visão não explica de forma satisfatória a complexidade do período histórico em questão, pois não há queda, mas uma transformação e neste período as instituições políticas e as manifestações culturais eram tão intensas como em outros momentos históricos, sendo que os documentos nos mostram um momento histórico cheio de elementos identitários hibridizados culturalmente. Dentre os estudiosos percussores na utilização do conceito de Antiguidade Tardia destacam os historiadores alemães Heinrich Fichtenau, Heinrich Dannenbauer, Eric Auerbach, Hans-Joachim Diesner e Karl Friedrich Stroheker, com a difusão do termo *Spätantike*, e as obras *The World of Late*

¹ Doutoranda em História pela Universidade Estadual Paulista, UNESP/Franca, sob orientação da Profa. Dra. Margarida Maria de Carvalho. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. Foi Bolsista do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior - PDSE/CAPES, na Universidad de Salamanca - Espanha.

Antiquity (1971), do irlandês Peter Brown e *Decadence romaine ou Antiquité Tardive? IIIe-Ve siècle* (1977), do historiador francês Henri-Irénée Marrou.²

É justamente na linha de pesquisadores que se encaixa a visão da historiadora Margarida Maria de Carvalho. Tal proposta desta historiadora é percebida no livro *Paideia e retórica* (2010), que foi sua Tese de Doutorado defendida da Universidade de São Paulo - USP. Na obra, Carvalho analisa especificamente o século IV d.C. na contenda desenvolvida por Gregório Nazianzeno (329-390 d.C), filósofo cristão ortodoxo, monge do Império Romano Oriental do século IV d.C., em seu discurso contra medidas do Imperador Juliano, o *Contra Juliano*. O tema principal deste discurso é a indignação de Gregório em relação à lei estabelecida por Juliano que impedia os cristãos de lecionarem. Durante muitos anos, este panegírico repulsivo à figura de Juliano, redigido após a morte do imperador, foi inserido na polêmica meramente religiosa e binária de Cristianismo *versus* Paganismo. Ampliando as perspectivas de estudos sobre o tema e criticando tal limite de análise, a autora demonstra que o conflito se insere numa disputa político-cultural. Para tanto a autora tem como objetivo primordial desconstruir a escrita e a linguagem utilizadas no discurso *Contra Juliano*, analisando e elucidando seus elementos retóricos. Dessa forma, ela nos mostra que ao desvelarmos uma construção retórica, nos aproximamos de uma nova realidade histórica sobre o século IV, pois a prática linguística pode ser um instrumento ativo de poder ao invés de refletir simplesmente a realidade social e política. O *Contra Juliano*, portanto, é visto como um discurso que refere não apenas a elementos religiosos, mas também às ações governamentais, às atitudes políticas e filosóficas de Juliano.

Os métodos utilizados pela autora se apoiam nos aportes oferecidos pela Nova História Cultural, que tem se preocupado em compreender as religiosidades e suas representações não apenas como um tipo específico de sistema, mas como algo

² Mais referências sobre o conceito de Antiguidade Tardia ver: JAMES, E. The Rise and Function of the Concept “Late Antiquity”, *Journal of Late Antiquity*, 1.1, 2008, pp. 20-30.

vinculado com o poder político, sendo assim que a autora propõe a análise político-cultural da documentação analisada. A autora se apoia também na análise de discurso, desconstruindo o *Contra Juliano* através dos fundamentos sugeridos por Hermógenes, autor do século II d.C., em seu manual de retórica *Sobre os resultados*, que, segundo ela, Gregório Nazianzeno utilizou para elaborar seu texto. Neste sentido, Carvalho nos mostra uma novidade de sua pesquisa, a maneira de compreender retórica não como uma mera arte literária, mas como uma técnica de persuasão que pode conduzir o estudioso a uma melhor compreensão sobre aspectos político-culturais de dada sociedade.

Ao ler o *Contra Juliano* como escrito de acordo com o manual de Hermógenes, a autora percebe que uma das primeiras recomendações deste autor, seguida por Gregório, é que as questões políticas devem ser tratadas como pontos culminantes do discurso. É a demonstração clara de que o homem deste período não separava a esfera política da religiosa. Através da análise retórica, seguindo a leitura do *Contra Juliano* cruzada com sua elaboração segundo *Sobre os resultados*, a autora ainda nos aponta para outra novidade da pesquisa: mesmo os cristãos repulando elementos do chamado “paganismo”, que a autora prefere chamar de *Paideia* clássica em seu estudo sobre a ação de Gregório no *Contra Juliano*, é através destes mesmos elementos que a retórica cristã consegue elaborar seus métodos de convencimento. Desta forma, a autora nos sugere o estudo da *Paideia*. Este conceito da própria Antiguidade é, de acordo com a autora, usado para definir a educação recebida pelos cidadãos romanos preparados para ocupar cargos político-administrativos. Portanto, a *Paideia* era um elemento atuante na administração do Império e ao defender o direito dos cristãos em lecionarem, em *Contra Juliano*, Gregório defende sua *Paideia Cristã* contra a *Paideia Clássica* de Juliano, seu direito em pregar a unidade e os caminhos governamentais do Império através do ensino, ou melhor, da *Paideia* cristã e da religião cristã. Segundo Carvalho, ao criticar a *Paideia* de Juliano, Gregório afirma, por meio de elementos retóricos, seu discurso cristão. No entanto, a influência da retórica

clássica está altamente presente na construção da retórica cristã, há fronteiras culturais na construção da defesa da *Paideia* cristã, pois Gregório se utiliza de um manual retórico escrito por um autor clássico, Hermógenes. A conclusão que a autora levanta sobre isso é que “Gregório admira a tradição clássica, mas é totalmente contrário ao helenismo de Juliano, que entrava em choque com a ideologia da unidade imperial pautada na fé pregada pelo cristianismo ortodoxo.” (p. 157). Além disso, a autora nos aponta que o mesmo manual usado pelo cristão Gregório, *Sobre os resultados*, também foi usado pelo sofista pagão Libânio, amigo de Juliano, em sua oração fúnebre a Juliano, um elogio a este imperador, totalmente contrário ao que faz Gregório no documento principal de análise do livro. Outro ponto que a obra de Carvalho nos remete é a análise do Imperador Juliano. Como sabemos, Juliano (332-363 d.C.), chamado durante séculos de o apóstata, foi o imperador que tentou restaurar a antiga religiosidade clássica no Império após a conversão do mesmo em cristão por Constantino em 313 d.C. Carvalho preocupa-se em reanalisar este personagem, nos mostrando como sua história foi escrita e reescrita conforme os interesses ideológicos de cada autor, de forma quase sempre maniqueísta.

O livro está organizado em três capítulos. No primeiro capítulo, Carvalho se dedica a fazer uma discussão historiográfica sobre a imagem de Juliano ao longo dos séculos que nos separam deste polêmico imperador. Desde autores iluministas franceses do século XVIII até estudiosos de Juliano, como Joseph Bidez (1930) e a historiadora Polymnia Athanassiadi (1982), passam pelos comentários e análises de Carvalho. Neste capítulo, a autora se utiliza das cartas escritas por Juliano para confrontar as imagens a seu respeito, mostrando como a ideia de Juliano como herói ou anti-herói foi construída ao longo do tempo, assim como faltaram abordagens de Juliano que desenvolvessem a interpretação de suas ações discursivas.

No segundo capítulo, nos são apresentados dados biográficos sobre o bispo cristão, sua *Paideia*, sua trajetória e sua inserção na sociedade do século IV. Também nos são apresentados aspectos fundamentais para a compreensão do *Contra Juliano*.

Para cumprir tais objetivos, outra documentação é desenvolvida neste momento, as cartas de Gregório, trocadas com amigos como o bispo Basílio de Cesaréia, o padre capadócio Gregório de Nissa e o filósofo Temístio. Neste capítulo ainda, Carvalho desenvolve noções sobre *Paideia* e Realeza para Juliano, visando contrapor a visão de Gregório sobre estes mesmos pontos e compreender melhor a criação da lei que Gregório ataca em *Contra Juliano*.

No terceiro e último capítulo, o discurso *Contra Juliano* é analisado a partir de sua construção retórica, com apoio em *Sobre os resultados*, de Hermógenes. Na primeira parte deste capítulo, a autora apresenta características do manual de Hermógenes para, na segunda parte, desconstruir o *Contra Juliano*.

Assim, sendo, diante do que Carvalho expõe neste livro, percebemos como o século IV foi um período de transformações e redefinições de poderes político-religiosos em embate, bem melhor definido dentro dos debates que preferem classificar esse momento histórico como Antiguidade Tardia, não sendo um momento de declínio como o conceito de Baixo Império sugere. Não devemos deixar de mencionar que Carvalho demonstra um grande conhecimento sobre várias facetas que envolvem o Imperador Juliano, seus códigos legislativos, seu círculo de amizades e interesses, seus conhecimentos filosófico-religiosos (seu neoplatonismo) e militares, etc., fruto de longas pesquisas dedicadas a este personagem e seu contexto, iniciadas desde seu primeiro envolvimento com a pesquisa científica durante a licenciatura em História na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), passando por seu mestrado em História na Universidade de São Paulo (USP), completando com seu doutorado do qual este livro se origina. Após a publicação deste livro, a autora continua se dedicando aos estudos dos vários aspectos em torno de Juliano em suas pesquisas de pós-doutorado, a primeira na Universidade de Campinas (UNICAMP), a segunda na Universitat de Barcelona (UB) e atualmente na École de Hautes Études em Sciences Sociales (EHSS), em Paris. Por fim, cabe citar que este livro foi publicado com



NEARCO – Revista Eletrônica de Antiguidade
2014, Ano VII, Número I – ISSN 1972-9713
Núcleo de Estudos da Antiguidade
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

financiamento da Fundação de amparo à pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), o que demonstra a excelência do trabalho e seu valor para os estudos históricos.



NEARCO – Revista Eletrônica de Antiguidade
2014, Ano VII, Número I – ISSN 1972-9713
Núcleo de Estudos da Antiguidade
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CARVALHO, Margarida Maria de. Paideia e Retórica no século IV d.C. A construção da imagem do Imperador Juliano segundo Gregório Nazianzeno. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2010.

Artigo Recebido em: 28 de junho de 2013.

Aprovado em: 06 de janeiro de 2014.

Publicado em: 30 de abril de 2014.